

Jorge Lima Barreto (Vinhais, 26 Dez. 1949 - Lisboa, 9 de Julho de 2011).

Compositor/intérprete (piano, multinstrumentismo acústico e electrónico), musicólogo e políartista; começou a praticar órgão de igreja e piano na infância como autodidacta. Já em finais dos anos 1960, iniciaria uma carreira na música que incluiria participações a solo, em duo e em grupo, como elemento fundador e compositor de *Anar Band*, 1967-1982 (LP homónimo de 1977).

Em Nova Iorque, conheceu e compôs com Jean Saheb Sarbib (LP *Saheb Sarbib & Jorge Lima Barreto – Encounters*, de 1979). No início dos anos 1980, fundou com Vítor Rua o duo *Telectu* (1982-2008) e, com Jonas Runa, o duo para piano e computer music *Zul Zelub* (2007-2011) .

Estruturalista e apologista da improvisação total, envolveu-se como figura tutelar no círculo artístico e musical, lançando ideias que exploraria em estudos posteriores, tanto enquanto músico como enquanto musicólogo. Licenciando-se em História e Filosofia em 1973, os seus estudos leva-lo-iam ao doutoramento com a tese *summa cum laude*, classificação máxima, *Estética da Comunicação Musical – a Improvisação*, em Outubro de 2010. Enquanto musicógrafo, escreveria livros como *Revolução do Jazz* (1972), *Jazz-off* (1973), *Grande Música Negra* (1975), *Rock & Droga* (1982), *Breviário de Música Electrónica* (1983), *Música Minimal Repetitiva* (1991), *Nova Música Viva* (1995), *Música & Mass Media* (1997), *Musa Lusa* (1997), *Zapp*, *Estética Pop Rock* (1999), *Musonautas* (2001), *Jazzorama 5* (2006), entre outros.

Após o 25 de Abril de 1974, iniciou um estudo dos *mass media* e da comunicologia, especializando-se na matéria relacionada com a música de todos os quadrantes, numa antropologia cultural sincrónica, escreveu vasta matéria sobre o assunto (sobre o qual as suas teses de doutoramento de 1997 e 2008 versam igualmente).

Entre os anos de 1977-82, percorreu a América do Sul e os E.U.A., recolhendo material para a tese de doutoramento sobre o situacionismo musical nesses países.

No seu regresso ao país em 1982, mudou-se para Lisboa, ano em que participou na programação de diversos festivais de música, desenvolveu actividade no âmbito do jornalismo musical, realizou seminários a nível nacional e internacional, compôs música para teatro e cinema, realizou programas radiofónicos e eventos de música experimental, tocou e gravou com outros compositores/intérpretes da música experimental, realizando inúmeros concertos por todo o mundo, sendo a sua prática musical indissociável da extensa discografia registada em fonogramas em duo, em grupo e a solo.

Teve como primeiras referências o experimentalismo e o conceptualismo, o free jazz, bem como outros ar

tistas ligados ao pósmodernismo, “projecto de um manifesto neo futurista”. A sua prática musical e o processo composicional desenvolvido até finais dos anos 1980, foi associada à “música minimal repetitiva”. Trabalhou na produção de materiais sonoros, como obra aberta e estratégia de recusa de qualquer compromisso com as políticas culturais vigentes, indústria discográfica e dos espectáculos, etc., preferindo-lhes um percurso assaz independente pelos campos da interarte, poesia visual, performarte, video, cinema, teatro e dança.

A sua música, as suas apresentações mediáticas e os seus textos, por vezes muito polémicos, o seu forte carisma, fizeram dele uma personalidade reconhecida além do seu domínio da prática musical; o carácter pessoal e a diversidade das criações sónicas que divulgou, marcaram várias formas de música de vanguarda. A sua prática musical foi orientada por um programa de experimentação de diferentes soluções interpretativas e composicionais, a par de uma rara actualização tecnológica.

Depois de 1986, optou pela busca de novas tipologias musicais denominadas “jazz-off”, “música mimética”, “rock-pop-off”, “nova música improvisada”, e.a. teorizadas nos seus livros e em mais de mil artigos, bem como em propostas pedagógicas, manifestos que acompanharam concertos ou edições discográficas e/ou videográficas; toys, gadgets, objectos sonoros.

Os anos 1990 apontaram para o desenvolvimento da improvisação estruturada, fraseado idioletoal, polirritmos, agregados, clusters, sons concretos da natureza, domésticos, industriais ou urbanos, sinusoidais, ruídos, sintagmas vocais, mimese que recria imagens e códigos fora dos padrões instituídos, estilo “groove” como imitação digital do instrumento acústico, hibridações estilísticas e tipológicas, e.a. técnicas e recursos tecnológicos; colaborando com músicos como Evan Parker, T. Hodgkinson, J. Butcher, L. Sclavis, D. Kientzy, J. Berrocal, H. Robertson, G. Schiaffini, Paul Rutherford, C. Cutler, Sunny Murray, Nuno Rebelo, B. Altschul, P. Lytton, E. Prévost, S. Noble, G. Hemingway, Han Bennink, Elliott Sharp, Ikue Mori, Sei Miguel, Bernardo Devlin, Walter Prati, Reina Portuondo, e.a.; que resultaram na edição de diversos fonogramas.

Jorge Lima Barreto foi o epónimo musical português ligado à performarte, desenvolvendo situações sónicas, corporais, cénicas e psicodramáticas; interacção de música electronic live com a poesia, poesia concreta, fonética, infoarte; música para teatro, cinema e video arte; articulando o material sonoro e o fonograma enquanto objecto estético. Foi igualmente o epítome de uma vanguarda, exemplo significativo da música experimental, inventio poliartística, “trajectória rizomática da obra aberta”, “apologia da intuição e do prazer do instante” (sic), ficando na história da música como um dos mais profícuos músicos e ensaístas a debruçar-se sobre música de hoje, recorrendo a um universo lexical próprio como artista e pensador: “praxis gestualista; aventura pós-moderna”... “a música como amor e liberdade”...(sic).